

A propósito da *Laudato Si'*

Proposta comunitária 2016

Em Abril de 2016 foi proposto a todas as comunidades um trabalho comunitário de aprofundamento da Encíclica *Laudato Si* e da sua relação com a nossa vida, como previsto na programação anual:

Escutar com compaixão o grito da humanidade (Ex 3,7), provocado pelas diferentes exclusões, que nos impulse a agir, inseridas no meio social e eclesial.

As Exortações Evangelio Gaudium e Laudato Si, cuja leitura e aprofundamento devemos realizar, reforçam a interpelação que este desafio nos levanta e pedem-nos respostas concretas a necessidades existentes nos meios da nossa inserção. Os projetos comunitários deverão ter isso em conta (Programação 2016).

A proposta de trabalho comunitário estava descrita em 4 blocos como se apresenta a seguir.

Bloco 1 – Acolher a *Laudato Si'*

Este bloco continha subsídios para conhecer e aprofundar a LS e os temas nela tratados, tais como: Um texto sobre maturidade humana, duas apresentações em Powerpoint, uma com uma possível leitura da LS e outra sobre a LS e a vida consagrada, e o filme *Home*.

Bloco 2 – Relacionar a *Laudato Si* com a nossa vida

Neste bloco encontrava-se a proposta para reflexão e partilha, em comunidade, com base na LS e nos documentos da Congregação (Constituições, Documento Programático e outros). O objectivo deste trabalho era a reflexão e o confronto da vida pessoal e comunitária, bem como a preparação para o compromisso de conversão ecológica da comunidade.

Por isso as questões apresentadas tinham como objectivo fomentar o diálogo na comunidade, não requerendo uma resposta rigorosa.

Como exemplo apresenta-se a proposta de estudo sobre o 4º capítulo da LS. O esquema apresentado era semelhante para cada capítulo.

Capítulo 4 - Uma ecologia integral

O coração da proposta da Encíclica é a ecologia integral como novo paradigma de justiça; uma ecologia «que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o circunda» (15). De fato, «isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida» (139). Isto vale, por mais que vivemos em diferentes campos: na economia e na política, nas diversas culturas, em particular modo nas mais ameaçadas, e até mesmo em cada momento da nossa vida cotidiana.

A perspectiva integral põe em jogo também uma ecologia das instituições: « Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana: “toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais”» (142). Com muitos exemplos concretos, o Papa Francisco reafirma o seu pensamento: há uma ligação entre questões ambientais e questões sociais e humanas que nunca pode ser rompida. Assim, « a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da

relação de cada pessoa consigo mesma » (141), enquanto «Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise sócio-ambiental» (139).

Esta ecologia integral «é inseparável da noção de bem comum» (156), a ser entendida, no entanto, de modo concreto: no contexto de hoje, no qual «há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais» comprometer-se pelo bem comum significa fazer escolhas solidárias com base em «uma opção preferencial pelos mais pobres» (158). Esta é também a melhor maneira para deixar um mundo sustentável às gerações futuras, não com proclamas, mas através de um compromisso de cuidado dos pobres de hoje, como já havia sublinhado Bento XVI: «para além da leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração» (162).

A ecologia integral envolve também a vida diária, para a qual a Encíclica reserva uma atenção específica em particular em ambiente urbano. O ser humano tem uma grande capacidade de adaptação e «admirável é a criatividade e generosidade de pessoas e grupos que são capazes de dar a volta às limitações do ambiente, [...] aprendendo a orientar a sua existência no meio da desordem e precariedade» (148). No entanto, um desenvolvimento autêntico pressupõe um melhoramento integral na qualidade da vida humana: espaços públicos, moradias, transportes, etc. (150-154).

Também «o nosso corpo nos coloca em uma relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos. A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum; pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a criação» (155).

Questões para ajudar ao diálogo em comunidade:

- Relacionar este capítulo com o Documento Programático, rumo 3. Que gritos da humanidade escutamos? Que apelos da Igreja surgem?
- O que é que compreendemos sobre a *conversão ecológica integral*? Que relações encontramos com os números 36, 39, 40, 41 das Constituições?

Bloco 3 – Comprometemo-nos numa conversão ecológica nas comunidades

Neste bloco apresentou-se uma proposta de áreas de compromisso para uma efectiva conversão ecológica a ser assumida por cada comunidade. Este compromisso de conversão, a que cada comunidade se propôs, foi enviado para a secretaria geral até ao fim do mês de Julho. Todos os compromissos foram compilados para formarem a “conversão ecológica comum” da Congregação. Se alguma comunidade encontrasse outra área de conversão, para além das áreas propostas, poderia acrescentá-la.

Bloco 4 – Outros subsídios

Neste bloco foram disponibilizados subsídios vários, em texto e vídeo, para completar o estudo das comunidades, e proposto que cada comunidade partilhasse outros subsídios que enriquecesse o portfolio.